

Parte II

9

CAPÍTULO

ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE NO CONTEXTO ATUAL: DESAFIOS DO PIBID DE PSICOLOGIA DA UFG/ REGIONAL CATALÃO

Rickson Bernardo Martins Miranda¹

Tânia Maia Barcelos²

Resumo: O artigo apresenta reflexões sobre a sexualidade na adolescên-

1 Unidade Acadêmica Especial de Biotecnologia, Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão, Catalão/GO, Brasil

2 Unidade Acadêmica Especial de Biotecnologia, Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão, Catalão/GO, Brasil

E-mail de contato: ricksonbernardo@gmail.com

cia nos dias atuais. Parte de ações desenvolvidas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão (em 2014), em parceria com o Colégio Estadual Maria das Dores Campos. A partir das demandas da escola, que apontou a necessidade de problematização do tema sexualidade e o uso indiscriminado das mídias, como o *WhatsApp* e o *Facebook*. Realizamos oficinas com os adolescentes abordando temáticas como: transformações biopsicossociais da adolescência, banalização dos corpos e o uso da internet no cotidiano. As oficinas apontaram a necessidade de novas problematizações na compreensão da sexualidade no contexto atual, marcado pelo consumo exacerbado, pela exploração perversa dos corpos e pela extrema individualização da vida. Esse artigo busca avançar a discussão por meio de interlocuções com autores da psicologia e de outras áreas do conhecimento. As discussões apontaram a importância dessa experiência que possibilitou encontros com os estudantes da escola pública e confrontos necessários com a psicologia clássica, focada na individualização e, muitas vezes, na psicologização dos processos subjetivos. Geraram, também, novas reflexões sobre os desafios vividos pela juventude atual, sobretudo, das classes populares, cada vez mais vulneráveis aos movimentos imprevisíveis do capitalismo contemporâneo.

Palavras-chave: Psicologia. Adolescência. Sexualidade. Atualidade.

Abstract: This article presents considerations about sexuality in adolescence and its challenges today. It is the result of experiences that were taken in 2014 on the Institutional Scholarship Program in Introduction to Teaching (PIBID) of the Psychology Course from the Federal University of Goiás/Catalão Campus, in association with Maria das Dores Campos State High School. Based on the school demands, which pointed out the need to discuss sexuality and the indiscriminate use of media, such as WhatsApp and Facebook. We held workshops with the themes: biopsychosocial changes of adolescence, sexually transmitted diseases, the bodies' banalization and the use of the Internet in everyday life. The workshops showed the complexity of the demands presented and the necessity for discussions about sexuality nowadays, marked by exacerbated consumption, perverse exploitation of bodies and the individualization of life. This article seeks to advance the discussion through dialogues with authors of psychology and other fields of knowledge. The discussions pointed out the relevance of this experience, which made possible encounter with public school students, and confrontations with traditional psychology thinking. It also generated new considerations on the challenges faced by today's youth, especially the popular classes, increasingly vulnerable by the unpredictable movements of contemporary capitalism.

Keywords: Psychology. Nowadays. Sexuality. Adolescence.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo partilhar reflexões acerca da sexualidade na adolescência, no contexto atual, tomando como pontos de partida algumas experiências desenvolvidas, em 2014, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Psicologia da Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão (UFG/RC).

O PIBID é um programa financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Fundação do Ministério da Educação (MEC), que busca incentivar a formação de professores para a Educação Básica, concedendo bolsas a alunos de licenciatura, participantes de projetos de iniciação à docência, desenvolvidos por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com escolas de Educação Básica da rede pública de ensino. Os subprojetos devem promover a inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas orientados por um docente da licenciatura e um professor da escola básica³.

O PIBID de Psicologia da UFG/RC é executado por uma equipe composta por oito bolsistas (seis estudantes, uma docente do curso de Psicologia e uma professora da rede estadual de ensino), em parceria com o Colégio Estadual Maria das Dores Campos, localizado no Bairro Ipanema da cidade de Catalão/GO, sudeste goiano, com mais de 90 mil habitantes. A escola funciona nos três turnos e recebe, aproximadamente, novecentos alunos do Ensino Fundamental e Ensino de Jovens e Adultos (EJA).

Os primeiros contatos com a direção da escola apontaram a necessidade de reflexões sobre o tema sexualidade na adolescência e o uso indiscriminado das mídias atuais, tais como o *WhatsApp* e o *Facebook*. A demanda apresentada trouxe preocupações com a banalização e a excessiva erotização dos corpos, sobretudo, os das meninas. Tais preocupações decorrem da convivência cotidiana entre meninos e meninas, que tem gerado desafios para a escola, principalmente, no contexto da sala de aula.

Para atender a demanda apresentada, optamos pela realização de cinco oficinas em duas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental, com alunos de idade entre 12 e 16 anos. Nas oficinas, abordamos os seguintes temas: o conceito de sexualidade, as transformações biopsicossociais da adolescência, as doenças sexualmente transmissíveis e a interação com as mídias acessíveis às crianças e aos adolescentes na atualidade. Os temas foram definidos a partir dos encontros semanais com os estudantes. Como estratégias metodológicas, utilizamos aulas expositivas e dialogadas, rodas de conversas, vídeos e dinâmicas de grupo, sempre

3 Para mais informações, conferir o site do programa: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid>>.

com a presença da professora/supervisora da escola parceira, que nos auxiliou nas reflexões sobre a realidade da sala de aula e da vida dos estudantes.

As oficinas foram desenvolvidas a contento, algumas, em parceria com a Unidade Básica de Saúde (UBS) do Bairro Ipanema, entendendo que as discussões sobre o tema proposto estão vinculadas à promoção de saúde no contexto escolar e buscando fortalecer as parcerias entre as instituições locais. Na última oficina, refletimos com os alunos sobre certos aspectos da demanda, inicialmente, apresentada pela escola, ou seja, sobre os desconfortos decorrentes da banalização e da erotização excessiva dos corpos das crianças e dos adolescentes na atualidade, expressos pelos comportamentos cotidianos.

Nesse momento, conversamos com os alunos sobre como o corpo tem sido tratado, principalmente, na televisão, na *internet*, nas propagandas etc. Fizemos uma leitura histórica sobre o corpo e chamamos a atenção para as diferentes formas de experimentá-lo, questionando os padrões de beleza incentivados pela mídia. Lembramos que a banalização e a erotização excessiva do corpo levam-nos a tratá-lo como algo padronizado e idealizado por um mercado perverso que dita padrões de beleza a serem acatados de forma acrítica. No final do encontro, alertamos os alunos para os cuidados com a exposição do corpo nas redes sociais, sobretudo, no *Facebook* (serviço de rede social lançado em 2004) e no *WhatsApp* (aplicativo de mensagens instantâneas criado em 2009), ferramentas novas utilizadas por grande parte das pessoas na atualidade.

Concluimos o trabalho percebendo a complexidade da demanda apresentada pela escola e a necessidade de avançarmos as reflexões sobre esse tema, de fundamental importância na formação em Psicologia, que busca novas compreensões sobre a produção da subjetividade e os desafios enfrentados pela juventude no contexto atual. Afirmamos que é preciso problematizar esses desafios resultantes da globalização e da inclusão digital, que geram novos elementos na compreensão dos corpos, da sexualidade e das formas de convivência entre os adolescentes. Tal tarefa é urgente e necessária, se quisermos dialogar com os estudantes e fazer parcerias com a escola na perspectiva da produção do conhecimento voltada para o compromisso social com a comunidade e com a realidade concreta em que estamos inseridos.

É nesse sentido que esse trabalho foi proposto, ou seja, visando refletir sobre os desafios enfrentados pelos adolescentes no processo de construção da sexualidade, no contexto do capitalismo contemporâneo, que massifica os corpos e “não só penetra nas esferas infinitesimais da existência, mas também as mobiliza, ele as põe para trabalhar, ele as explora e amplia, produzindo uma plasticidade subjetiva sem precedentes, que ao mesmo tempo lhe escapa por todos os lados” (PELBART, 2003, p. 20).

2 ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE: ASPECTOS HISTÓRICOS E CRÍTICOS

Para problematizar os desafios atuais enfrentados pelos adolescentes e profissionais que atuam nesse campo, é fundamental fazermos uma leitura crítica e histórica sobre as concepções da adolescência elaboradas no âmbito da psicologia (a partir do final do século XIX), orientadas pelo raciocínio desenvolvimentista e pela ordem previsível de aquisições ou capacidades. Conforme Castro (1998b, p. 33), “diferentemente de outros momentos da vida humana, a variabilidade entre os sujeitos na infância e adolescência foi reduzida a trajetórias demarcadas de antemão que servem de ‘guias’ e critérios para as práticas de intervenção nesta população”.

A partir de Ozella (2002), afirmamos que a concepção vigente na psicologia sobre a adolescência está ligada a estereótipos e estigmas, desde que foi identificada como uma etapa marcada por tormentos e conturbações vinculados à emergência da sexualidade. Essa concepção foi reforçada por abordagens que a caracterizaram como uma etapa de confusões, estresse e luto, também, causados pelos impulsos sexuais que emergem nessa fase do desenvolvimento. Assim, instalou-se uma concepção naturalista, universal e a-histórica sobre a adolescência, que passou a ser compartilhada pela psicologia, incorporada pela cultura ocidental e assimilada pela sociedade, muitas vezes, pelos meios de comunicação de massa. Segundo o autor:

As concepções presentes nas vertentes teóricas da psicologia, apesar de considerarem a adolescência como um fenômeno biopsicossocial, ora enfatizam os aspectos biológicos, ora os aspectos ambientais e sociais, não conseguindo superar visões dicotômicas ou fragmentadas. Dessa forma, os fatores sociais são encarados de forma abstrata e genérica, e a influência do meio torna-se difusa e descaracterizada contextualmente, agindo apenas como um pano de fundo no processo de desenvolvimento já previsto no adolescente (OZELLA, 2002, p. 20).

Nesse sentido, Ozella (2002) defende a busca por saídas teóricas que superem a visão naturalizante e patologizante da adolescência presente na Psicologia. Ele reconhece que há um corpo se desenvolvendo com características próprias e argumenta que nenhum elemento biológico ou fisiológico tem expressão direta na subjetividade. As características fisiológicas aparecem e recebem significados construídos culturalmente. A adolescência é criada historicamente enquanto representação, fato social e psicológico, constituída como significado na cultura, na linguagem que permeia as relações sociais. Para o autor, “a manutenção das concepções de adolescência como um período naturalmente de crise cumpre o papel ideológico de camuflar a realidade, as contradições sociais, as verdadeiras mediações que constituem tal fenômeno” (OZELLA; AGUIAR, 2008, p. 100).

Autores como Coimbra et al. (2005) consideram que a noção de adolescência necessita ser questionada. Na contemporaneidade, a figura do adolescente remete à tendência dos *teens* estadunidenses (estilo de vida a ser consumido pelo restante do mundo), que instaura uma forma única de ser adolescente, contando com o apoio de algumas práticas da psicologia para propagar e fortalecer esse modelo.

Questionando a visão desenvolvimentista (que faz acreditar em uma etapa homogênea e universal para todos os sujeitos) e a visão individualista (atribuindo ao sujeito a responsabilidade para enfrentar e resolver as questões do seu próprio desenvolvimento), as autoras consideram que os conceitos de adolescência e desenvolvimento servem aos propósitos dominantes de homogeneização, imobilização, retificação de determinadas práticas e relações presentes na sociedade atual. O conceito de adolescência se acopla à lógica capitalística de duas maneiras: a) por sua rentabilidade, visto que o comércio sobrevive, também, à custa da adolescência, produzindo roupas, revistas, músicas e alimentos entre outros; b) por sua força massificante (etapa universal, a-histórica e homogênea para todos) e, ao mesmo tempo, individualizante, pois a forma como cada um experimenta essa etapa depende de méritos pessoais. “Vir a ser um adulto maduro, estável e integrante do mundo do trabalho ou vir a ser um desempregado sem família, nem rede social dependeria exclusivamente de cada um e de suas competências individuais” (COIMBRA et al., 2005, p. 7).

Buscando subverter o conceito de adolescência, as autoras preferem usar os termos “jovem” e “juventude”, em vez de “adolescente” e “adolescência”, por não se referirem, estritamente, a uma faixa etária específica ou comportamentos, supostamente, pertencentes a essas categorias. Subverter esse conceito é uma ação política importante no contexto atual de insistência em antigas concepções, embora a troca de palavras não garanta a ruptura com as naturalizações: “No entanto, a aposta nas multiplicidades e diferenças para questionar o conceito de adolescência pode funcionar como uma estratégia contra as capturas e produções impostas por saberes que se apoiam em uma realidade normatizada, que eliminam a possibilidade do acaso e que se pretendem neutros” (COIMBRA et al., 2005, p. 8).

Para César (2008), insistir na compreensão da adolescência como etapa da vida marcada, de maneira inerente, pela ideia de crise e problema, significa persistir na desconsideração do caráter histórico dessa concepção, naturalizando ou essencializando seus temas de questionamento. Caminhar nessa direção significa pensar em um sujeito “portador de uma essência já conhecida, obstruindo assim a possibilidade de se chegar a novas conclusões” (CESAR, 2008, p. 27). Por isso, é preciso desconstruir a figura desse sujeito adolescente que se instalou nas ciências, no senso comum, determinado *a priori* pela ideia da crise fisiológica, psíquica, moral, social e sexual.

Restaria a alternativa de pensar a *adolescência* não mais como fase da vida, dotada de características essenciais, mas como múltiplas possibilidades de subjetivação, isto é, como diferentes formas possíveis de se colocar em um mundo que é sempre o mesmo, mas que pode ser vivido e recriado por uma diversidade de sujeitos, *crianças, jovens, adultos ou velhos*, assumindo-se a possibilidade de um devir destituído de projetos, em sua plena abertura (CÉSAR, 2008, p. 157).

Para a autora, essa alternativa de pensar a adolescência não como fase, mas como múltiplas possibilidades de subjetivação e formas de se colocar no mundo, implica pluralizar as instituições e os sujeitos na contramão dos modelos estabelecidos como “as adolescências, as famílias, as maturidades, as infâncias, as velhices” (CÉSAR, 2008, p. 158).

Sem dúvida, esse é um dos grandes desafios que se apresenta, hoje, para os educadores e psicólogos que trabalham nos contextos educativos, assim como as transformações aceleradas da vida contemporânea e a crescente complexidade social, que também têm gerado dificuldades para a compreensão das formas de existência (ROCHA, 2002). Por isso,

a contextualização da adolescência é fundamental, considerando que o processo de formação nos dias atuais se vê diante de fatores de diferentes ordens: a instantaneidade temporal provocada pela velocidade tecnológica, que acarreta uma certa superficialidade na aquisição de conhecimentos, a cultura do consumo, geradora de múltiplas necessidades rapidamente descartáveis, o quadro recessivo, que amplia a exclusão social, associado à pulverização das relações coletivas, levando à individualização e ao desinteresse na esfera pública e política (p. 25).

Os novos contextos produzem novas questões para os diferentes profissionais e instituições que lidam com os adolescentes. Afinal, como a escola, por exemplo, pode desenvolver práticas alternativas à cultura do consumo e à massificação das informações passadas, geralmente, pela grande mídia de forma acrítica e descontextualizada? O que se constitui para os adolescentes desafios e problemas na sociedade atual?

A partir de Rocha (2002), podemos afirmar que, nesses contextos, assim como ocorre nos serviços de atendimento à saúde, as instituições passam a se constituir como espaços de escuta privilegiada dos jovens e das famílias isolados de uma rede de solidariedade, facilitadora da circulação da fala, da socialização das informações, das ações e emoções. “A possibilidade do exercício permanente de práticas solidárias, na construção de parcerias, na saída do isolamento e da fragmentação intra e extramuros, possibilita a ampliação de recursos materiais e humanos para o enfrentamento das adversidades presentes na vida contemporânea” (ROCHA, 2002, p. 31).

A necessidade de escuta, de práticas solidárias e da construção de parcerias também ocorre nos trabalhos reflexivos sobre a sexualidade. É fundamental

construir novas concepções a respeito da sexualidade, muitas vezes, reduzida a uma questão individual, como aponta Kahhale (2007, p. 184): “a sexualidade é vista como algo privado, algo particular de cada um, cabendo ao indivíduo a definição e/ou escolha dos critérios do que é prazeroso e do que é apropriado, conveniente ou não em suas relações afetivo-sexuais”. Segundo a autora, para além dos determinantes genéticos ou biológicos, a sexualidade deve ser apreendida como um processo simbólico que sofre influência de múltiplos elementos na sociedade (seja na dimensão individual, seja na dimensão coletiva e histórica), caracterizada pelas condições concretas nas quais o homem está inserido. Os aspectos biológicos da sexualidade não podem naturalizar as concepções como tem sido feito ao longo dos anos. Para a autora, “é preciso injetar concepção histórica na leitura da sexualidade. Resgatar a gênese da sexualidade tal qual a vivemos e a concebemos, hoje, em nossa sociedade” (KAHHALE, 2007, p. 185). A leitura histórica possibilita a compreensão de tabus e de versões menos preconceituosas e moralistas.

Nessa perspectiva, citamos também Bonfim (2012, p. 28), para a qual a sexualidade é “uma dimensão humana que envolve os aspectos físicos, sociais e psicológicos, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossa religião, nossas relações afetivas, enfim, nossa cultura”. Para a autora, a educação sexual, que deve envolver a psicologia, a filosofia, a história, a afetividade, a ética, não se resume a informações sobre biologia ou prescrições médicas e higienistas, como a distribuição de preservativos, anticonceptivos ou campanhas de prevenção. Tais práticas são insuficientes para despertar a reflexão crítica na escola. Além disso, a forma como tratamos o tema pode contribuir para a repressão, emancipação ou consolidação da visão mercantilista da sexualidade.

Camargo e Ribeiro (1999) afirmam que há grandes desafios para os educadores de hoje que vivem no mundo da tecnologia e das imagens consumidas rapidamente e com poucas reflexões críticas. As autoras acreditam que “é possível construir, com as crianças e adolescentes, uma postura crítica perante as doutrinas que se fundamentam na normatização das condutas sexuais visando a uma satisfação padronizada” (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p. 43). Esse trabalho, que desencadeia falas e reflexões, pode ocorrer em um espaço definido ou atravessar o conteúdo das diferentes disciplinas, como previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998), especificamente, nos temas transversais sobre Orientação Sexual.

Conforme prevê o documento, um trabalho de Orientação Sexual na escola deve problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos dos alunos, ressaltando a importância de abordar a sexualidade da criança e do adolescente, não somente no que tange aos aspectos biológicos, mas, também, aos aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e psíquicos. É necessário que a escola reconheça que desempenha papel importante na educação para a sexualidade ligada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem-estar.

Nesse sentido, o trabalho de Orientação Sexual dentro da escola articula-se com a promoção da saúde das crianças e dos adolescentes e isso implica diversos fatores, incluindo a informação, a reflexão crítica, a escuta e os cuidados necessários para abordar as questões que permeiam esse tema, complexo e desafiador. É preciso, também, abertura para enfrentar, em nós mesmos, os preconceitos, as hegemonizações históricas e ideológicas presentes nos velhos/novos discursos e práticas destinados à problematização da sexualidade humana.

3 ADOLESCÊNCIA, PRÁTICAS PSI E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

Como percebemos, a visão histórica, crítica e cultural é fundamental para entendermos os desafios enfrentados pelas crianças e pelos adolescentes no processo de construção da sexualidade, no contexto atual. É preciso compreender algumas das características da sociedade em que vivemos, marcada pela supervalorização da técnica, pelo consumo exacerbado, pela individualização da vida, pela hiperinflação dos signos que invadem os mais diferentes domínios.

Como afirma Belli (1998, p. 176), “as mudanças na sociedade, a indústria cultural e a constituição da infância como mercado promissor e modelador de indivíduos, têm delineado o perfil do nosso tempo”. Vivemos no tempo dos “megabaites” que garante às crianças o crescimento e o desenvolvimento acelerados como passaporte para o mundo adulto, voltado para os processos de prazer intermediados pelo consumo. Crianças e adolescentes, expostos aos processos de subjetivação, modelizados pela televisão e pela mídia, delineiam perfis de futuros consumidores de objetos de satisfação, signos de felicidade e formas de aproveitar a vida.

Nessa mesma perspectiva, Castro (1998b) afirma que a infância e a adolescência assumem, hoje, uma pluralidade de faces submetidas a uma diversidade de condições que determinam seu estatuto de ser plural. Isso gera confrontos com os modos tradicionais de se pensar a criança e o adolescente. Agudiza-se, hoje, o sentimento de que a infância e a adolescência escapam às formulações teóricas que, durante muito tempo, orientaram nossas concepções. As teorias psicológicas e educacionais tornam-se insuficientes para lidar com a variedade de situações específicas do contemporâneo.

“Parece que o conhecimento disponível para compreender a condição da criança e do adolescente, no mundo de hoje, engasga perante novos aspectos da nossa realidade social e material: o consumo de massa, o viver numa grande cidade, a solidão na multidão, a expansão da comunicação pela mídia, a tecnificação e a informatização do nosso cotidiano e assim por diante” (CASTRO, 1998a, p. 12). Nesse sentido, Castro (1998b) pergunta se as crianças e os adolescentes de hoje não são diferentes daqueles de décadas atrás e se nós podemos

compreendê-los, já que são formados por condições de existência tão diferentes daquelas vigentes no nosso tempo de criança.

Guareschi (2007), também, pergunta que sujeito se produz na contemporaneidade mediante as novas formas de subjetivação. Para a autora, na sociedade contemporânea, constituída por experiências de velocidade, aceleração, fragmentação e efemeridade, a infância e a adolescência têm sido tratadas como formas de consumo ou economia subjetiva em que bens materiais e modos de vida igualam-se a capitais de consumo. Portanto, não podemos falar sobre práticas *psi* na sociedade contemporânea sem nos debruçarmos sobre as novas perspectivas de tempo/espaço tencionadas pelo avanço da ciência, da tecnologia e da mídia. O mercado midiático tem transformado a juventude em modelos de consumo e agente propagador de estilos que proliferam uma estética juvenil entre todas as gerações, encarregando de definir e cristalizar grupos de estilos juvenis variados (GUARESCHI; GONZALEZ, 2008).

Segundo Coimbra et al. (2005), os meios de comunicação de massa estão entre os equipamentos sociais mais poderosos para difundir e reforçar a ideia de adolescência, oferecendo-a como produto a ser consumido necessariamente, para se ingressar no mundo dos bem-sucedidos e dos que têm valor, tanto material como simbolicamente. As autoras partem do pressuposto de que a mídia é, atualmente, um dos mais importantes equipamentos sociais no sentido de produzir esquemas dominantes de significação e interpretação do mundo.

Este equipamento não nos indica somente o que pensar, o que sentir, como agir, mas principalmente nos orienta sobre o que pensar, sobre o que sentir. Assim, a mídia nos coloca certos temas e nos faz crer que estes é que são os problemas importantes sobre os quais devemos pensar e nos posicionar. Através da ininterrupta construção de modelos de unidade, de racionalidade, de legitimidade, de justiça, de beleza, de cientificidade, os meios de comunicação de massa produzem formas de existir que nos indicam como nos relacionar; enfim, como ser e viver dentro de um permanente processo de modelização (COIMBRA, 2001, p. 2).

A relação com a mídia está muito presente no nosso cotidiano e tem gerado inúmeros desafios, não somente para as crianças e os adolescentes, mas, também, para os pais e profissionais que lidam com eles diariamente. Deslumbrados e capturados pelas estratégias da publicidade, usufruímos das ferramentas das mídias sociais, muitas vezes, incentivando as crianças e os adolescentes ao uso indiscriminado de celulares e *tablets* de última geração. Tais ferramentas passaram a fazer parte do nosso dia a dia, seja para facilitar nosso trabalho, o acesso às informações e às redes de contato com o outro, seja para intensificar os processos de captura e hegemonização do sistema vigente.

Com o surgimento das novas tecnologias, surgem, a cada dia, novos padrões de comunicação, de relacionamento social e de manifestação da sexualidade nas redes sociais. Para Serres (2013), os adolescentes de hoje, formatados pela mídia e pela publicidade, propagada pelos adultos, habitam o virtual, outro espaço, outro corpo. Não falam mais a mesma língua; pensam e vivem de formas diferentes das que vivíamos até bem pouco tempo atrás. Eles manipulam várias informações ao mesmo tempo e “por celular, têm acesso a todas as pessoas; por GPS, a todos os lugares; pela internet, a todo o saber: circulam, então, por um espaço topológico de aproximações, enquanto vivíamos em um espaço métrico, referido por distâncias” (SERRES, 2013, p. 19). É de outra forma que escrevem, enviando SMS com os polegares. Por isso, o autor os batizou de Polegarzinhos/as, os quais habitam uma malha mesclada, com sua vista caleidoscópica e “ouvidos que repercutem o caos confuso de vozes e sentidos que anunciam outras reviravoltas” (SERRES, 2013, p. 75).

Os Polegarzinhos/as atuais têm colocado perguntas ou questões essenciais para a Psicologia, em busca de novas compreensões na atualidade: o que e como ensinar? Como pensar a construção e a manifestação da sua sexualidade hoje? Quais desafios, temos encontrado por meio das aproximações com os estudantes? Como lidar com a produção do conhecimento em Psicologia, que, muitas vezes, é insuficiente para a compreensão do que acontece no mundo contemporâneo?

Denise Sant’Anna (2000) lembra-nos que vivemos em sociedades que adulam e valorizam o corpo, mas, ao mesmo tempo, o aviltam e o exploram. Há uma proliferação acelerada de produtos, tecnologias, terapias e saberes que visam o fortalecimento e o embelezamento do corpo, mas também uma comercialização desenfreada (no trabalho, nos hospitais, na mídia, nas ruas) que banaliza as formas de violência do corpo, o desrespeito e o descaso com corpos de crianças, jovens e idosos. O corpo é reconhecido e considerado tão importante quanto a alma, em outros momentos. Por isso, ele também se tornou objeto de imensas curiosidades, explorações comerciais, manipulações científicas e industriais. O corpo é hoje mais do que a morada da alma e “a beleza é cobrada também dos bebês, chegando a avançar rumo à estética de cães e gatos” (SANT’ANNA, 2014, p. 189).

Nesse contexto, os corpos das crianças e dos adolescentes são alvos constantes nas propagandas e vendas de diversos produtos. Nos produtos midiáticos, a centralidade do corpo e da sexualidade, marca da cultura contemporânea, aparece explicitamente no sentido mercadológico. As representações sobre o corpo e a sexualidade tornam-se parte dos conteúdos das culturas infantis, criadas pelos adultos e difundidas pelas mídias, com o propósito de induzir as crianças ao consumo (BORGES, 2007).

A criação desse novo mercado, que tem seu surgimento por volta dos anos de 1950 e tem se intensificado nas últimas décadas, submete as crianças a fortes apelos co-

merciais. Toda uma série de produtos é dirigida a elas, que passam a ter para si, especialmente reservados, espaços em supermercados e *shoppings*, em contraste com a falta de espaços públicos de lazer e das cidades construídas segundo uma lógica que as oblitera (BORGES, 2007, p. 99).

Assim, o sexo precoce torna-se uma nova mercadoria de alta potencialidade que deve ser incorporada ao universo infantil por meio de revistas, filmes, produtos de beleza, roupas etc. Além de consolidar a imagem da mulher-objeto sexual, as mídias apresentam, agora, outra mercadoria: a criança-objeto sexual como consumidora e objeto de consumo.

“Um dos fenômenos observáveis no que se refere à relação entre corporeidade e infância é a substituição da representação de pureza e ingenuidade, suscitada pelas imagens infantis veiculadas pela mídia, por outras extremamente erotizadas, principalmente, em relação às meninas” (BORGES, 2007, p. 99). Diante disso, a autora pergunta qual é o papel da escola frente aos objetivos da mídia e afirma que, talvez, seja o momento de tomar consciência do modelo de criança-consumo proposto pelos meios de comunicação, incorporando em suas práticas reflexões sobre as mensagens impositivas da mídia.

A erotização dos corpos e o modelo de criança-consumo estão presentes no cotidiano escolar de várias maneiras. Não é por acaso que a demanda inicial da escola parceira do PIBID de Psicologia trouxe essa preocupação que ronda os espaços da escola: o pátio, a sala de aula, a cantina etc. Cada vez mais, os estudantes preocupam-se com a estética e a exibição dos seus corpos, em conformidade com os modelos padronizados difundidos pela grande mídia. Isso tem gerado inúmeros desafios na convivência com eles e nos deixado sem saber o que e como pensar/agir.

Para enfrentar os desafios contemporâneos, Guareschi e Gonzalez (2008) apontam a possibilidade de olhar a juventude de uma forma diferente, deslocada da imposição das relações de força e poder dos movimentos midiáticos e conformistas da sociedade.

Cabe-nos colocar em questão as práticas psicológicas que instituem e legitimam modos de ser juvenil por meio de procedimentos e técnicas ancoradas em um discurso científico sobre a interioridade do indivíduo psicológico e de caracterizações naturalizadas na perspectiva de um sujeito normal, adaptado e governável. Problematizar concepções de juventude fundamentadas em definições e caracterizações atreladas a uma etapa universal, natural e homogênea para todos, impõe a necessidade de uma postura crítica às reificações totalizantes produzidas no campo psi (GUARESCHI; GONZALEZ, 2008, p. 481).

Para Guareschi (2007), há necessidade de correr riscos, lidar com o provisório e criar alternativas diante das inquietudes e das descontinuidades, gerando

possibilidades de outros modos de vida, de educação da infância e compreensão da adolescência. A autora enfatiza a necessidade de desnaturalizar quaisquer noções totalizantes sobre a infância e a adolescência que se pretendam permanentes e universais. Isso deveria estar no centro das atenções da psicologia.

Nessa perspectiva, Guareschi e Hüning (2005) argumentam que é preciso “desacomodar a psicologia” dos lugares tradicionais que ela tem ocupado há décadas, os quais ainda insistem na percepção de sujeitos universais, patologizados, e continuam presentes nas práticas atuais, embora tenham sido amplamente questionadas, por estarem voltadas, muitas vezes, ao “gerenciamento da subjetividade, capilarizando-se nas mais diversas práticas sociais” (GUARESCHI; HÜNING, 2005, p. 122). Essa perspectiva recusa a dicotomia teoria e prática, deslocando o olhar da internalidade do sujeito para as práticas culturais nas quais ele é produzido. “Reinventar práticas psi não diz respeito necessariamente a inventar outros métodos de intervenção, mas a introduzir outros modos de interrogar e outras interrogações, entre elas, o que pretendemos e quais as implicações de nossa prática” (GUARESCHI; HÜNING, 2005, p. 125).

Desacomodar a Psicologia não é uma tarefa fácil e a equipe do PIBID tem enfrentado isso na pele, principalmente, nos encontros com os adolescentes da escola parceira. Quando ouvimos, por exemplo, falar sobre uma adolescente de 12 anos que exhibe seu corpo, por meio de fotos e vídeos no *Facebook*, gerando constrangimentos nos meninos, sabemos que é preciso ler isso com outros olhos e ouvir com outros ouvidos. É necessário perceber esse fato sem culpabilizar a criança ou a adolescente, pois não se trata de buscar causas e determinantes individuais. Trata-se de compreender esse fato como efeito da produção hegemônica de subjetividade ou dos modos de pensar, sentir e viver no espaço/tempo do mundo atual, que passa pelas relações complexas que estabelecemos com a mídia, o mercado e as novas tecnologias. Relações que padronizam, mas também geram possibilidades de resistência em diferentes grupos e movimentos. “Estas brechas, estes movimentos, muitas vezes, invisíveis, microscópicos, mas que, silenciosamente, subterraneamente, estão produzindo outras realidades e verdades, outras histórias e memórias, são possíveis. Tentar produzi-los, afirmá-los, fortalecê-los, aliarmo-nos a eles tem sido o nosso grande desafio” (COIMBRA, 2001, p. 3). Isso permite um trabalho de intervenção aberto para a criação de outras formas de se relacionar com a vida e com nós mesmos.

Acreditamos que para arrastar a Psicologia em direção a outros lugares é preciso, também, perceber a escola não como um lugar de “aplicação” dos conhecimentos psi, mas como espaço em que podemos contribuir para a criação de novos problemas, sem, necessariamente, resolvê-los. Como aponta Rocha (2011, p. 212) “o que se afirma como desafio para o ensinar-aprender de um coletivo é a composição de um plano entre saberes e indagações que interfiram nas práticas

cotidianas”. Esse caminho fortalece a dimensão pública como plano de experimentação das práticas de formação éticas, estéticas e políticas.

É nessa perspectiva ética, estética e política que procuramos desenvolver e pensar as atividades do PIBID de Psicologia junto à escola parceira, especialmente, aos adolescentes. Essa perspectiva implica tomar posição em favor da resistência às estratégias mercadológicas do consumo de modelos de vida formatados/enlatados para as crianças e os adolescentes. Implica, também, a criação de possibilidades de mudanças necessárias no contexto da cultura “midiótica” que precisa manter as pessoas “mídiocres” (SILVA, 2009).

Enfrentar as linhas de resistência à “midiocrização” dos corpos e da subjetividade é um desafio apresentado a todos nós, crianças, adolescentes, pais e profissionais. Que nós, da área psi, tenhamos coragem e desejo para lidar com tantos desafios que têm nos forçado a rever, constantemente, as concepções teórico-práticas utilizadas em diferentes contextos e campos de atuação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho, iniciamos algumas reflexões que, certamente, serão pontos de partida para trabalhos posteriores. Percebemos, por meio das atividades realizadas na escola, das leituras e dos debates cotidianos, que a produção do conhecimento em Psicologia deve estar aberta para a perspectiva crítica da cultura e dos processos de subjetivação no mundo atual, seja na infância, na juventude ou na velhice.

Percebemos, também, que é preciso avançar na discussão proposta e aprender a fazer interlocuções com autores de outras áreas do conhecimento (como a Filosofia e a História) que têm contribuído, significativamente, para a compreensão da subjetividade. Além disso, é necessário, ainda, aprender a fazer interlocuções com diferentes áreas e autores da psicologia, tais como a psicologia social, comunitária, escolar, clínica etc.

No final do trabalho com os alunos da escola parceira, após diversas atividades e reflexões, avaliamos que a experiência foi importante, pois possibilitou encontros com os estudantes da escola pública e confrontos necessários com a psicologia clássica ou tradicional, focada na individualização e psicologização dos processos subjetivos. Tais confrontos forçaram novas reflexões a respeito de questões fundamentais vividas pela juventude atual, sobretudo, pelos adolescentes das classes populares. A experiência contribuiu para a nossa formação em Psicologia, aproximou-nos da realidade concreta e promoveu desejos de rever ou visitar nossas formas de atuação. Talvez, esse seja o resultado mais contundente desse trabalho que teve início com as oficinas sobre sexualidade, buscou novos interlocutores e terminou apostando na desacomodação da psicologia como desafio fundamental em tempos de dúvidas e incertezas.

REFERÊNCIAS

- BELLI, A.do C. Infância em tempos de megabytes. In: CASTRO, L. R. de (Org.). **Infância e adolescência na cultura do consumo**. Rio de Janeiro: NAU, 1998, p. 175-188.
- BONFIM, C. **Desnudando a educação sexual**. São Paulo: Papirus, 2012.
- BORGES, E. M. Corpo, espetáculo e consumo: novas configurações midiáticas para a infância. **Media & Jornalismo**, v. 11, p. 91-103, 2007.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MECSEF, 1998.
- CAMARGO, A. M. F.; RIBEIRO, C. **Sexualidade (s) e infância (s): a sexualidade como tema transversal**. Campinas: Editora Moderna 1999.
- CASTRO, L. R. Infância e adolescência hoje. **Infância e adolescência na cultura do consumo**. Rio de Janeiro: NAU, p. 13-21, 1998a.
- _____. Uma teoria da infância na contemporaneidade. **Infância e adolescência na cultura do consumo**. Rio de Janeiro: NAU, p. 23-53, 1998b.
- CÉSAR, M. R. de A. **A invenção da adolescência no discurso psicopedagógico**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.
- COIMBRA, C. M. B. Mídia e produção de modos de existência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 17, n. 1, p. 1-4, 2001.
- COIMBRA, C.; BOCCO, F.; NASCIMENTO, M. L. do. Subvertendo o conceito de adolescência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 57, n. 1, p. 2-11, 2005.
- GUARESCHI, N. Infância, adolescência e a família: práticas *psi*, sociedade contemporânea e produção de subjetividade. In: JACÓ-VILELA, A. M.; SATO, Leny (Org.). **Diálogos em psicologia social**. Porto Alegre: Editora Evangraf LTDA, p. 229-239, 2007.
- GUARESCHI, N. M. de F.; GONZALEZ, Z. K. Discursos sobre juventude e práticas psicológicas: a produção dos modos de ser jovem. Brasil. **Revista Latino Americana Ciencias Sociales, Niñez e Juventud**, v. 6, n. 2, p. 463-484, 2008.
- GUARESCHI, N. M. de F.; HUNING, S. M. Efeito Foucault: desacomodar a psicologia. In: _____. (Org.). **Foucault e a psicologia**. Porto Alegre: ABRAPSO SUL, 2005.
- KAHHALE, E. M. P. Subsídios para a reflexão sobre sexualidade na adolescência. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. da G. M.; FURTADO, O. **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- OZELLA, S. Adolescência: uma perspectiva crítica. In: KOLLER, S. H. (Org.). **Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, p. 16-24, 2002.
- OZELLA, S.; AGUIAR, W. M. J. de. Desmistificando a concepção de adolescência. **Cadernos de Pesquisa**, v. 38, n. 133, p. 97-125, 2008.
- PELBART, P.P. **Vida capital: ensaios de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- ROCHA, M. L. da. Desafios da psicologia e da educação entre a macro e a micropolítica. In: AZZI, R. G.; GIANFALDINI, M. H. T. A. (Org.). **Psicologia e Educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p.199-219.

_____. Contexto do adolescente. In: KOLLER, S. H. (org.). **Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2002. p. 25-32.

SANT'ANNA, D. B. de. As infinitas descobertas do corpo. **Cadernos Pagu**, v. 14, p. 235-249, 2000.

_____. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SERRES, M. **Polegarzinha**. Tradução Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SILVA, J. M. da. Cultura “midiótica” e sociedade “midíocre”. In: TATSCH, D. T.; GUARESCHI, N. M. de F.; BAUMKARTEN, S. T. (Org.). **Tecendo relações e intervenções em psicologia social**. Porto Alegre: ABRAPSO SUL, 2009. p. 210-216.